

Dos gibis para as telas: a expansão do universo da “Turma da Mônica” em vinhetas animada

Monique de Almeida Neves Rodrigues

Resumo: Este artigo tem como objetivo principal analisar uma série de vinhetas produzidas por Maurício de Sousa em parceria com a AMA – Associação de Amigos do Autista – que tematizam o autismo infantil. Para tanto, fez-se uma breve retrospectiva da história do autor e da Turma da Mônica, e buscou-se identificar quais aspectos dos gibis foram mantidos ou adaptados para essas produções audiovisuais.

Palavras-chave: Arte Sequencial; Maurício de Sousa; Turma da Mônica.

From comics to the screen: the expansion of “Monica’s Gang” universe in animated vignettes

Abstract: The main objective of this article is to analyze a series of animated short movies produced by Maurício de Sousa with AMA – Associação de Amigos do Autista – which focus on child autism. In order to do so, a brief retrospective of the creation of Monica’s Gang has been made, aiming to identify which aspects of the comics were maintained or adapted in these audiovisual productions.

Keywords: Sequential Arts; Maurício de Sousa; Monica’s Gang.

Introdução

Os traços e personagens de Maurício de Sousa são, certamente, dos mais famosos e reconhecidos do Brasil. As revistas da Turma da Mônica, composta pelos célebres personagens infantis do autor, ocupam as prateleiras de vendedores, leitores e colecionadores das chamadas histórias em quadrinhos há décadas, e sua popularidade não pareceu minguar ao longo das mesmas. Desde os anos de 1960, quando criou seus primeiros personagens – Bidu e Franjinha – Maurício de Sousa conquista crianças, jovens e adultos de todo o Brasil, além das recentes versões traduzidas de seus gibis, comercializadas em outros países.

Ao longo de todos esses anos, o traço do cartunista evoluiu, e as personagens da Turma ganharam visuais diferentes das primeiras versões. Ainda assim, as características principais das personagens permanecem presentes, cristalizadas no estilo inconfundível de seu criador. Isso se deu não apenas com as idiosincrasias visuais de Mônica e seus amigos, como também em seus traços de personalidade e suas funções dentro da trama, que permaneceram relativamente estáveis ao longo dos anos.

Com o sucesso e a popularidade da Turma da Mônica, a migração das personagens para outros gêneros do discurso aconteceu naturalmente, seja como estratégia de marketing ou como uma expansão natural do universo centralizado no Bairro do Limoeiro. Das páginas dos gibis, Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão passaram a estampar produtos, fazer parte de campanhas, tiveram sua própria animação gráfica e até ganharam seu próprio parque de diversões. Nesse artigo, analisaremos uma dessas produções – vinhetas animadas – observando de que maneira o universo infantil da turminha foi transposto para esse novo gênero, quais características das revistas foram mantidas e quais foram adaptadas para esse novo formato. Analisaremos, também, de que maneira as personagens passam a ser retratadas nessa aventura audiovisual,

ou seja, se permanecem fiéis a suas personalidades já conhecidas, e de que modo isso contribui para a narrativa e para o projeto de dizer das vinhetas.

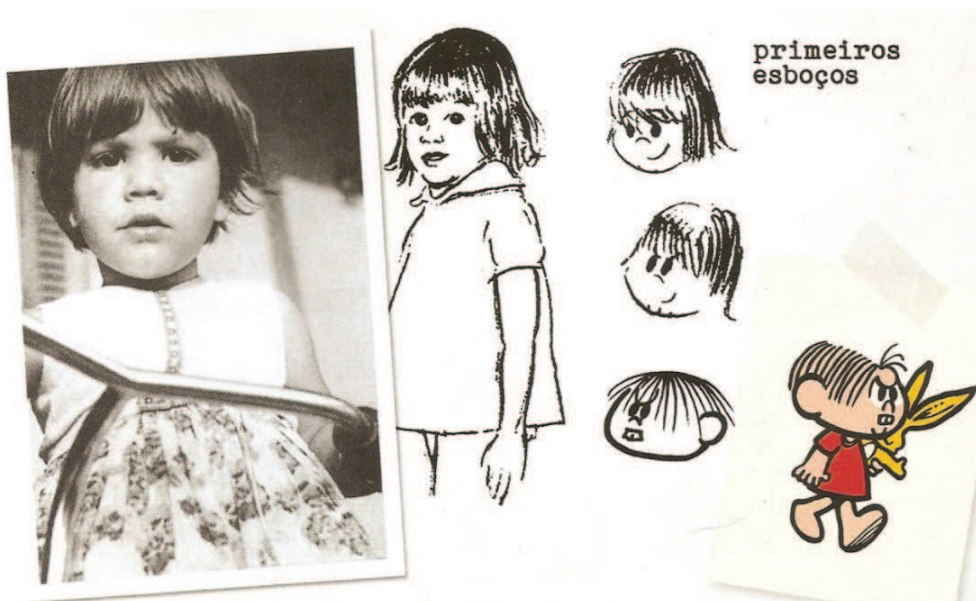
Para embasar nossa análise, recorreremos aos estudos bakhtinianos do discurso, além de pesquisadores das artes sequenciais.

Turma da Mônica: do nascimento a atualidade

A Turma da Mônica teve suas raízes nascidas no final dos anos de 1950, quando Maurício de Sousa criou suas primeiras personagens: Bidu e seu dono, Franjinha. O autor, que acabava de sofrer uma transição em sua carreira - deixou de escrever reportagens policiais para se dedicar ao desenho - logo criou outra personagem que, até hoje, é um dos mais conhecidos e populares de seu acervo: o eterno garoto encrenqueiro Cebolinha. As tirinhas de Cebolinha fizeram sucesso no jornal Folhinha de São Paulo, um caderno infantil que compunha uma edição semanal da Folha de São Paulo.

De acordo com as informações da revista Coleção de Miniaturas Turma da Mônica, no início dos anos de 1960 o desenhista começou a buscar inspiração para personagens femininas que pudessem contracenar com Cebolinha. A inspiração veio de dentro de casa, na observação da personalidade forte de sua filha, Mônica Spada e Sousa. Os traços visuais da personagem Mônica também foram inspirados nela, como vemos a seguir:

Figura 1: primeiros esboços.



Fonte: Coleção de miniaturas Turma da Mônica nº1.

Então, em 1963, Mônica finalmente estreou para o público, aparecendo em uma tirinha de Cebolinha publicada no jornal. Observando as duas personagens, em sua primeira interação, conseguimos reconhecê-los com facilidade, apesar de apresentarem traços mais “rudimentares”, por assim dizer, que os da atualidade. Outra diferença marcante é a falta de cores dos quadrinhos que conhecemos hoje - as tirinhas da época eram publicadas em tinta preta. Já nessa primeira tirinha é possível perceber sua personalidade forte e, de certa forma, bruta, pois responde às exigências de Cebolinha com uma coelhada (a primeira de muitas).

Figura 2: A primeira aparição de Mônica.



Fonte: Coleção de miniaturas Turma da Mônica nº1.

Também aí já fica evidente o eterno conflito entre Mônica e Cebolinha, que ainda hoje é retratado nos gibis da Turma da Mônica. Outro momento marcante que não demorou a acontecer, e que foi também imortalizado em suas incontáveis ocorrências ao longo dos anos, é a primeira vez em que Cebolinha sequestra Sansão, o querido coelhinho de Mônica:

Figura 3: O primeiro sequestro de Sansão.



Fonte: Coleção de miniaturas Turma da Mônica nº1

Todos esses acontecimentos começam a traçar o mote das histórias da Turma da Mônica, onde as personagens, que tem por volta de 7 anos de idade, convivem, brincam e brigam nas ruas e áreas verdes do fictício Bairro do Limoeiro. Até então, entretanto, a “Turma da Mônica”, propriamente dita, ainda não existia. Mônica continuou fazendo participações nas tirinhas de Cebolinha por alguns anos, até que, em Maio de 1970, foi publicado seu primeiro gibi mensal, cuja capa vemos recriada a seguir:

Figura 4: A primeira capa de Mônica.

Fonte: Coleção de miniaturas Turma da Mônica nº1.

Começava aí o reino de Mônica como uma das personagens mais icônicas da arte sequencial brasileira. Mais de quarenta e cinco anos se passaram desde o lançamento dessa primeira revista da Mônica e sua turma, e ainda hoje é possível encontrar os gibis em qualquer banca de jornais do Brasil.

Maurício de Sousa completou 80 anos em 2015, e segue administrando seu legado artístico e cultural por meio da empresa Maurício de Sousa Produções, bem como lançando revistas da Turma da Mônica e da Turma da Mônica Jovem – um projeto que teve início em 2008 e traz as personagens em sua fase adolescente, com inspiração nos mangás, ou arte sequencial tipicamente japonesa.

Olhares sobre Maurício de Sousa

Os quadrinhos de Maurício de Sousa surgem no Brasil no final da década de 1950, às vésperas do início da ditadura militar. Quando, em 1964, foi aprovado o projeto do deputado federal Eurico de Oliveira, que proibia a publicação de revistas com determinadas temáticas, tais como terror, violência e sexo, os quadrinhos de Maurício de Sousa passaram a ter ainda mais visibilidade no cenário nacional, visto que suas histórias infantis apresentavam temática branda e humorística. Segundo Silva Junior (*apud* D'OLIVEIRA, 2011, p. 65), “Quando fosse posta em prática, a medida transportaria para o poder público praticamente todos os dispositivos de controle e veto do código de ética dos quadrinhos adotados três anos antes”.

Em 1966, segundo Ribeiro (2011), nascia a Maurício de Sousa Produções, que se tornaria, a partir de então, a produtora oficial dos produtos relacionados à Turma da Mônica. No ano seguinte, Maurício de Sousa providencia a licença comercial de suas personagens e surge então a primeira produção animada com a personagem Mônica: propagandas do extrato de tomate Cica, que também contava com a participação de Jotalhão, o elefante. Trata-se de uma produção audiovisual em que Mônica, sua mãe e Jotalhão interagem em uma situação bem-humorada em que Mônica confunde um pedido de sua mãe e, ao invés de trazer para casa o molho de tomate cujo mascote era um elefante, acaba por trazer o próprio elefante.

Figura 5: Primeira propaganda Cica.

Fonte: www.youtube.com

A presença de Mônica nessa primeira produção audiovisual da empresa ilustra o protagonismo que a personagem vinha adquirindo ao longo da década, que culminou, no início dos anos 70, com o lançamento da primeira revista mensal da Mônica, pela editora Abril. Ao longo das décadas que se seguiram, as revistas mensais da Mônica continuaram a ser publicadas, enquanto outros personagens ganhavam suas próprias revistas, como Cebolinha em 1973, Cascão em 1982 e Magali em 1989.

Além do apelo comercial, um outro lado do trabalho de Maurício de Sousa se desenvolveu ao longo de sua carreira com as personagens da Turma da Mônica; as lutas sociais:

De modo mais acentuado nas duas últimas décadas, a postura do cartunista foi de promover, através de personagens existentes e novos arquétipos, estímulos sociais a favor de políticas públicas inclusivas, alimentando movimentos favoráveis às causas, como: inclusão de portadores de necessidades especiais e até mesmo em manifestações de veto presidencial, como ocorrido recentemente com a possibilidade de veto no relatório aprovado pela Câmara Federal do Novo Código Florestal (CASTILHO; MACEDO, 2012, p. 02).

Para tanto, diversas estratégias foram adotadas pela Maurício de Sousa Produções, como, por exemplo, a realização de parcerias com instituições relacionadas às questões a serem apoiadas ou mais amplamente divulgadas. Uma dessas instituições é o UNICEF – Fundo das Nações Unidas pela Infância – com a qual Maurício de Sousa colabora na luta pelos Direitos da Criança e do Adolescente. Outra entidade que também contou com o apoio das personagens de Maurício de Sousa é a AMA – Associação dos Amigos do Autista – com a qual o autor produziu uma série de vinhetas, algumas das quais são o objeto de análise desse artigo.

Além disso, a produtora também se dedicou a confecção de gibis especiais que tratam, cada um, de um tema socialmente relevante, de cunho mais pedagógico, como, por exemplo, educação financeira, maternidade saudável e água potável. Essas revistas estão disponíveis para leitura online no portal da Turma da Mônica e têm sua venda proibida, sendo de distribuição gratuita. Mesmo nessas produções, e ainda que olhemos apenas para suas capas, fica fácil perceber o protagonismo de Mônica não só como aquela que dá nome à turma, mas como uma líder de fato, que centraliza em sua figura o projeto de dizer da obra:

Figura 6: Água boa para beber.

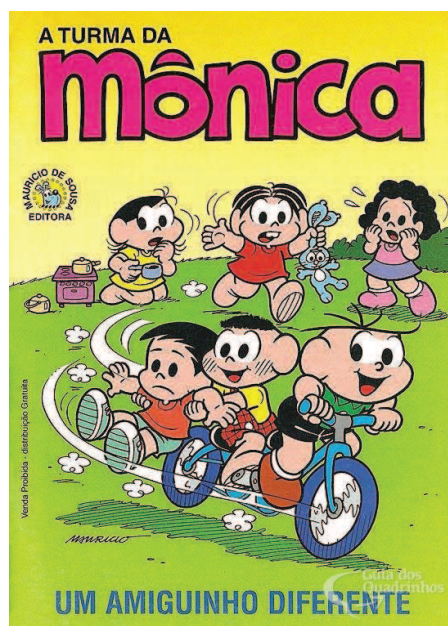
Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/revistasespeciais/>

Da tinta para o audiovisual: o que muda e o que permanece?

A parceria de Maurício de Sousa com a Associação de Amigos do Autista, a AMA, realizada no início dos anos 2000, resultou na produção de dois materiais que têm, como tema central, a questão do autismo infantil. O primeiro é um gibi de quinze páginas onde a turma conhece André, um garoto mais novo que tem autismo. O gibi foi lançado em 2003 e, de distribuição gratuita, rapidamente se esgotou. O outro material, até hoje de fácil acesso na internet, é uma série de vídeos curtos que mostram a convivência de André com as personagens já conhecidas da turma. As animações, diferentes daquela primeira animação de Mônica e Jotalhão, não tem fins comerciais – parecem ser de natureza socioeducativa – e contam com uma palheta vibrante de cores que não estavam disponíveis na época em que foi produzido o comercial da Cica.

Apesar de não termos acesso ao gibi mencionado, observemos a imagem de capa do mesmo, a fim de percebemos que seu design não foge dos padrões dos gibis da Turma da Mônica que podem ser encontrados hoje nas bancas:

Figura 7: André, um amiguinho diferente.



Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/>

Para os fins deste trabalho, estamos aqui considerando que os gibis e as vinhetas, enquanto obras de arte sequencial, constituem gêneros do discurso distintos na perspectiva bakhtiniana, ou seja, dentro dessa esfera de utilização da língua, a esfera artística, cada um é um tipo relativamente estável de enunciado (BAKHTIN, 1997, p. 280), que apresenta certas regularidades em seus aspectos temáticos, composicionais e estilísticos. Entretanto, sabemos que, no caso desse corpus, temos aspectos em comum que circulam pelos dois materiais, que os unem e os tornam parte de um mesmo universo estético, que, por sua vez, gozam de um mesmo senso de autoria.

Para entendermos melhor essas questões, observemos uma dessas vinhetas, que aqui chamaremos de Vinheta A e que aparenta ser, de fato, a primeira do conjunto. Nela, Mônica é quem aparece primeiro na tela, olhando diretamente para seu telespectador e acenando de maneira efusiva enquanto começa sua fala: “Olá, quero que você conheça o André, o meu novo amiguinho”.

Figura 8: A saudação de Mônica.



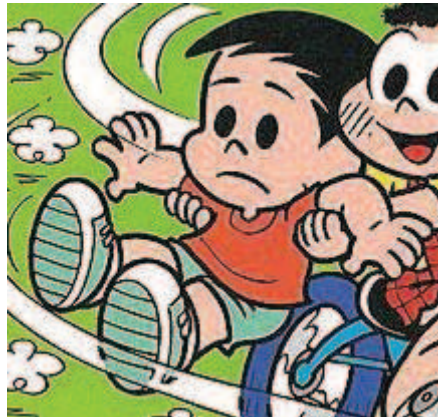
Fonte: <http://www.ama.org.br/>

Esse primeiro momento já é bastante revelador quando se considera que, ao falar com seu interlocutor, a personagem não se apresenta. É presumido que aquele que a assiste – o destinatário previsto das vinhetas – já a conhece. A natureza de sua saudação é a de quem encontra um amigo, que, por acaso, está

do outro lado da tela. O verdadeiro intuito de sua primeira fala é, então, apresentar André ao interlocutor. Mônica, assim, silenciosamente reafirma-se como protagonista, aquela que não precisa de introduções.

Em seguida, enquanto Mônica começa a descrever as características de André, vemos o garotinho pela primeira vez. É interessante notar que, enquanto Mônica e os outros personagens (que aparecem nas vinhetas subsequentes) vestem suas conhecidas roupas de cores características, André aparece com duas vestimentas distintas no gibi e nas animações, o que pode indicar uma falta de estabilidade de um personagem que acaba de ser criado especialmente para esses materiais e não contou com as décadas de transformações e estabilizações que as outras personagens tiveram.

Figura 9: André nos gibis.



Fonte: <http://www.guiadosquadrinhos.com/>

Figura 10: André nas vinhetas.



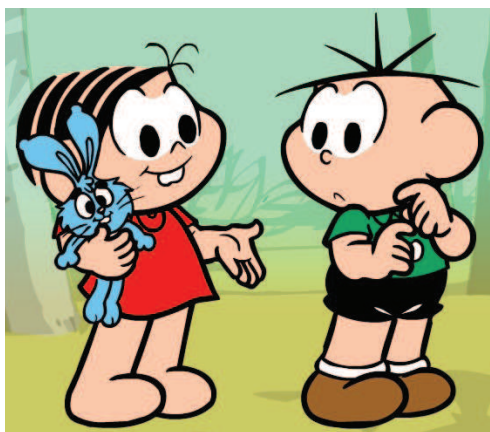
Fonte: <http://www.ama.org.br/>

Um ponto que visivelmente permanece o mesmo são os traços que compõem as expressões faciais de André, diferenciando-o do resto da turma. Seus olhos não apresentam a expressividade que os olhos das outras personagens apresentam, nos dois materiais. A falta do contorno branco em suas pupilas passa a sensação de opacidade no olhar, enquanto o de Mônica, por exemplo, transmite profundidade e, conseqüentemente, uma expressividade maior.

A vinheta segue com Mônica dizendo: “Ele é autista. Os autistas não olham nos olhos das pessoas. Toma”. Nesse momento, ela entrega Sansão a André, que o segura pelas orelhas por alguns segundos, parecendo confuso, e logo o solta no chão. Antes que o solte, entretanto, Cebolinha aparece por perto e per-

gunta “Deixa eu ver?”, apontando para Sansão. Ora, logo em sua primeira aparição, em sua primeira fala, Cebolinha imediatamente demonstra interesse no coelho. É a caracterização imediata do personagem, que, desde 1967 empenha-se em sequestrar o coelhinho de Mônica. Vendo André se afastar, Cebolinha imediatamente se vira para pegar Sansão, mas Mônica é mais rápida e já o traz de volta em seu colo:

Figura 11: Cebolinha e sua eterna busca por Sansão.



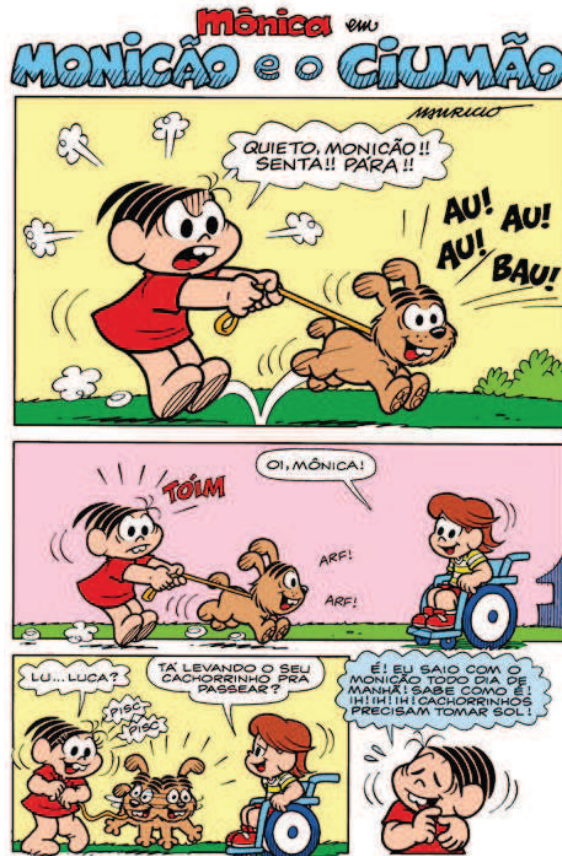
Fonte: <http://www.ama.org.br/>

Mônica prossegue: “Não mostram brinquedos e nem ligam pra coisas interessantes. Podem não evitar, mas também não procuram outras crianças”. Então, com o fechamento da vinheta, ela finaliza: “Se você conhece alguma criança que possa ter autismo, procure um pediatra ou a AMA”.

Parece evidente, então, que as vinhetas nasceram, de fato, de todo um universo pré-existente, que remontam às primeiras tirinhas de Cebolinha nas páginas da Folha de São Paulo, quando o lançamento de uma revista ainda nem estava nos planos de Maurício de Sousa. Entretanto, fica também claro que, ao inserir a Turma nesse diferente formato, saindo das páginas para o audiovisual, foi preciso instaurar mudanças no modo de apresentação do material. A diferença mais marcante das páginas para a tela é, naturalmente, o abandono dos balões de diálogo, que dá lugar ao áudio com as falas das personagens. O trabalho de dublagem é bem feito, pois as vozes soam naturais e se encaixam imediatamente com as personagens, respeitando inclusive suas idades e personalidades. A linguagem utilizada também não causa estranhamento. Apesar de Mônica trazer informações relativamente técnicas a respeito de André, as sequências verbais são montadas de maneira bastante natural, com um léxico de fácil compreensão e entonação gentil.

Em relação às cores, parece sensato afirmar que há uma semelhança grande entre aquelas que colore as páginas dos gibis e as que permeiam todos os vídeos. Além das cores características associadas a cada personagem já conhecido da turma – como o vestido vermelho de Mônica, a pelagem azul de Sansão e a blusa verde de Cebolinha – temos também a presença marcante do verde em contraste com um céu relativamente monocromático que sempre caracterizou as áreas do Bairro do Limoeiro nos gibis:

Figura 12: O Bairro do Limoeiro.

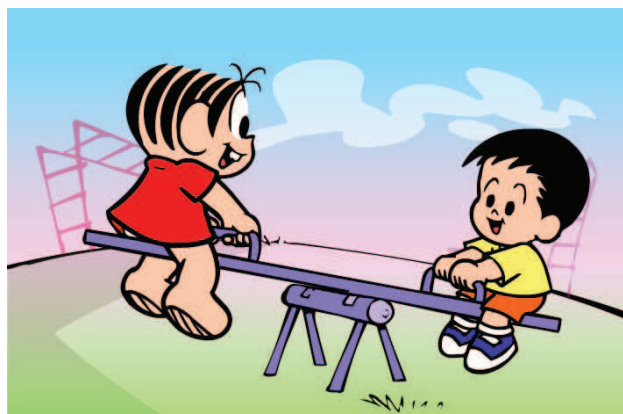


Fonte: <http://turmadamonica.uol.com.br/>

Para analisarmos um pouco mais a fundo esse jogo de semelhanças e diferenças, especialmente no que concerne a caracterização das personagens nesse outro gênero do discurso, observemos outra vinheta, dessa vez mais uma querida personagem da turma, que também tem seu próprio gibi: Magali.

A animação tem início com Mônica e André brincando de gangorra. Os dois parecem se divertir no playground a céu aberto, onde se pode ver outros brinquedos ao fundo. A área natural novamente aparece como cenário, e o céu, dessa vez, vem mesclado de azul e rosa, em um aparente fim de tarde.

Figura 13: Mônica e André no parquinho.

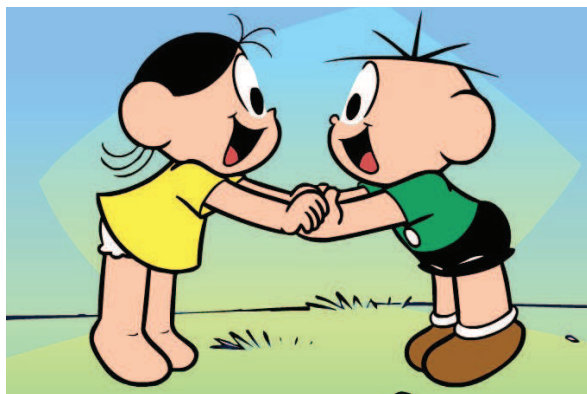


Fonte: <http://www.ama.org.br>

Magali e Cebolinha se aproximam e a primeira convida Mônica e André para brincar: “Ei, querem brincar de Siga o Mestre”? Mônica educadamente recusa: “Não, obrigada”. “E você, André”? insiste Magali.

Entretanto, não é ele quem responde; Mônica responde em seu lugar, explicando que “O autista não imita outras crianças”. Então, Magali e Cebolinha decidem, juntos: “Vamos brincar de outra coisa!” e logo Magali tem uma ideia: “Serei uma princesa!”, e Cebolinha completa “E eu um dlagão!”

Figura 14: Vamos brincar de outra coisa!



Fonte: <http://www.ama.org.br>

Mônica, em seguida, esclarece “Eles também não brincam de faz-de-conta”. Parecendo chateado, Cebolinha diz: “Então não dá pra blincar todos juntos” mas Mônica conclui: “É claro que dá”, finalizando a vinheta com todos brincando na gangorra, André e Magali de um lado, e Cebolinha e Mônica do outro.

Nesse vídeo fica claro o projeto de dizer principal das vinhetas: o da inclusão social da criança com autismo. A mensagem é passada de maneira harmoniosa com as situações que a turma normalmente vivencia nas revistas, sem que as falas das personagens ou suas ações percam a autenticidade construída ao longo de todos esses anos de existência. Outra característica que também é derivada dos gibis é o protagonismo de Mônica, afinal, é ela quem traz a fala do adulto para as animações, demonstrando certa maturidade em relação a seus colegas. Seu discurso ao longo das vinhetas tem um tom pedagógico, por vezes valorativo, mas que cabe à personalidade de Mônica.

Em suma, podemos perceber que as vinhetas, apesar de serem produções de natureza artística diferente da dos gibis, busca manter a identidade visual dos mesmos, respeitando esquemas de cores, os traços e a expressividade habitual das personagens. Além disso, percebemos que os próprios modelos situacionais das histórias ou tirinhas foram também preservados, permitindo que as personagens já tão conhecidas e adoradas mantivessem suas características mais marcantes e garantindo, assim, a integridade intelectual e estética do trabalho de Maurício de Sousa.

Considerações finais

Ao longo dessa breve retrospectiva da história de Maurício de Sousa e do processo de criação da Turma da Mônica, pudemos observar a trajetória artística desse autor que veio a se tornar um dos nomes mais importantes no campo das histórias em quadrinhos no Brasil. Seu trabalho, que se destacou nos anos de 1960 por representar um universo infantil de maneira pura e bem-humorada, enveredou, nas últimas duas décadas, por caminhos não apenas artísticos, mas também sociais, com parcerias que frutificaram de maneira positiva, dando origem a produções como as vinhetas acima apresentadas, que enriquecem ainda mais o acervo brasileiro das artes sequenciais.

Concebidas com intuito nobre e produzidas com notável sensibilidade, as vinhetas que constituíram objeto de análise deste trabalho demonstram um engajamento do autor com as causas sociais ligadas à criança no Brasil. Prova disso é o título que Maurício de Sousa recebeu em 2007 de Escritor do UNICEF, quando produzia mais obras socioeducativas em favor dos jovens e crianças de nosso país. As vinhetas demonstram, também, que a expansão do universo da Turma da Mônica é virtualmente ilimitada, visto o tamanho e a experiência da Maurício de Sousa Produções atualmente. Ao assistirmos a essas animações, sentimos que estamos verdadeiramente vendo Mônica e seus amigos diretamente das páginas dos gibis para a tela, sem sentimentos de inadequação ou falta de autenticidade.

Para concluirmos nossas reflexões, fiquemos com o comentário que Haynes (2002, p. 295) fez acerca da visão de Bakhtin sobre autoria e, especialmente, sobre essa ligação tão importante entre arte e vida:

Thus, his interpretation of creativity emphasized the profound moral obligation we bear toward others. Such obligation is never solely theoretical, but is an individual's concrete response to actual persons in specific situations. Because we do not exist alone, as isolated consciousnesses, our creative work is always answering the other. Answerability contains the moral imperative that the artist remain engaged with life, that the artist answer for life.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CASTILHO, A.; MACEDO, R. **Comunicação, literatura e poder: uma análise da influência dos personagens de Mauricio de Sousa no fomento de políticas públicas no Brasil**. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12458678/comunicacao-literatura-e-poder-uma-analise-da-influencia-unesp>, 2012. Acesso em: Set 2016.

D'OLIVEIRA, G. Humor e identidade: brasilidade em Laerte e Mauricio de Sousa. **REVISTA USP**, São Paulo, .88, p.60-73, dezembro/fevereiro 2010-2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13852>. Acesso em: Set 2016.

HAYNES, D. J. **Bakhtin and the visual arts**. Nova Iorque: Cambridge, 2008.

RIBEIRO, A. L. **Maurício de Sousa**. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/mauricio-de-sousa/1172>, 2011. Acesso em: Set 2016